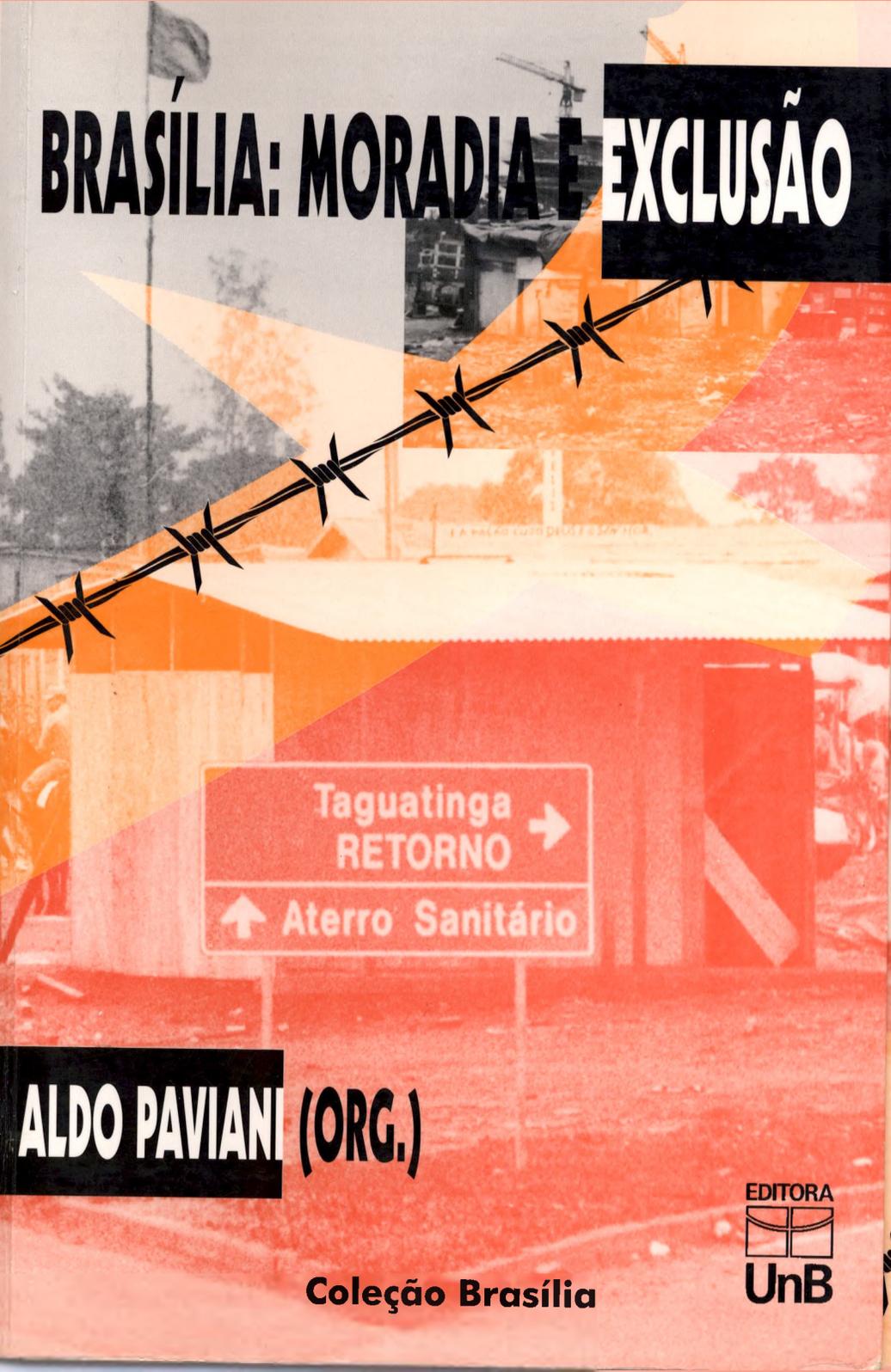


# BRASÍLIA: MORADIA E EXCLUSÃO



Taguatinga →  
RETORNO

↑ Aterro Sanitário

A PALHA LUTO DEUS E MORTE

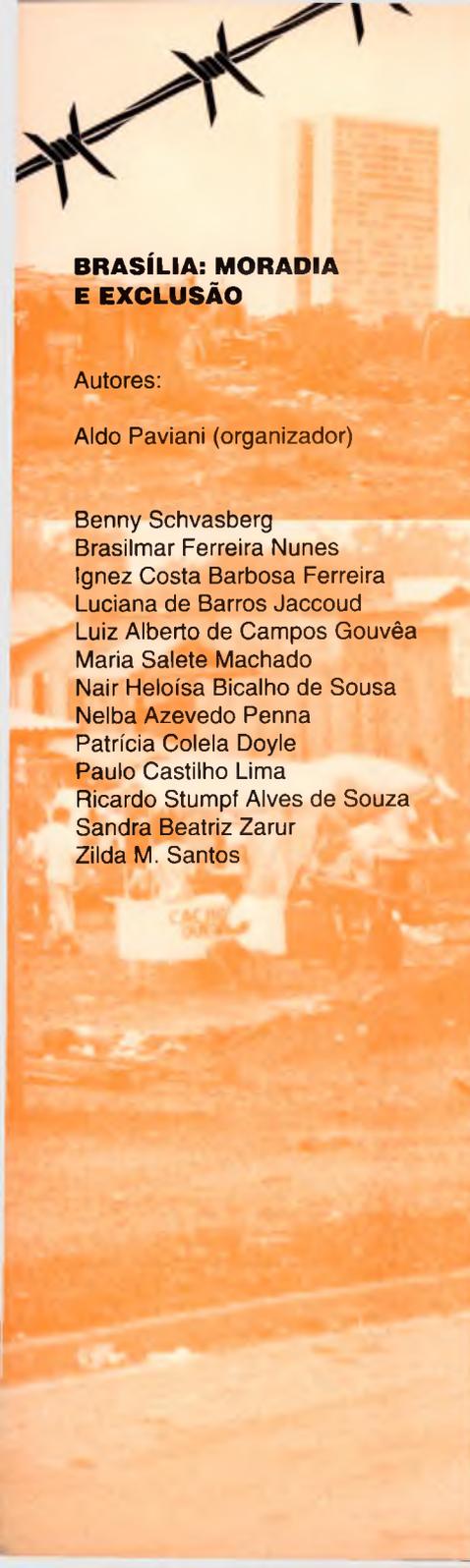
**ALDO PAVIANI (ORG.)**

**Coleção Brasília**

EDITORA



**UnB**



## **BRASÍLIA: MORADIA E EXCLUSÃO**

Autores:

Aldo Paviani (organizador)

Benny Schvasberg  
Brasilmar Ferreira Nunes  
Ignez Costa Barbosa Ferreira  
Luciana de Barros Jaccoud  
Luiz Alberto de Campos Gouvêa  
Maria Salete Machado  
Nair Heloísa Bicalho de Sousa  
Nelba Azevedo Penna  
Patrícia Colela Doyle  
Paulo Castilho Lima  
Ricardo Stumpf Alves de Souza  
Sandra Beatriz Zarur  
Zilda M. Santos

---

**BRASÍLIA — MORADIA E EXCLUSÃO**



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

*Reitor*

João Cláudio Todorov

*Vice-Reitor*

Erico Paulo Siegmar Weidle

**EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

*Diretor*

Alexandre Lima

**CONSELHO EDITORIAL**

*Presidente*

Emanuel Araújo

Alexandre Lima

Álvaro Tamayo

Aryon Dall Igna Rodrigues

Dourimar Nunes de Moura

Emanuel Araújo

Euridice Carvalho de Sardinha Ferro

Lúcio Benedito Reno Salomon

Marcel Auguste Dardenne

Sylvia Ficher

Vilma de Mendonça Figueiredo

Volnei Garrafa

**Aldo Paviani**  
(organizador)

# **BRASÍLIA**

# **MORADIA E EXCLUSÃO**

NEUR  
Núcleo de Estudos Urbanos e Regionais

CEAM  
Centro de Estudos Avançados  
Multidisciplinares da UnB



Direitos exclusivos para esta edição:  
EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
SCS Q.02 - Bloco C - N<sup>o</sup> 78 - Ed. OK - 2<sup>o</sup> andar  
70300-500 - Brasília - DF  
Fax: (061) 225-5611

*Copyright* © 1996

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da editora.

*Impresso no Brasil*

EDITOR

**MARCELO CARVALHO DE OLIVEIRA**

PREPARAÇÃO DE ORIGINALS

**CECÍLIA SHIZUE FUJITA DOS REIS**

REVISÃO

**REJANE DE MENESES E YANA PALANKOF**

ACOMPANHAMENTO EDITORIAL

**JOELITA DE FREITAS ARAÚJO**

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

**RAIMUNDA DIAS**

CAPA

**CARLOS MAGNO DO AMARAL**, com fotos de **ANDRÉ ABRAHÃO**

SUPERVISÃO GRÁFICA

**ELMANO RODRIGUES PINHEIRO**

ISBN: 85-230-0420-3

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central  
da Universidade de Brasília

B823 Brasília, moradia e exclusão / Aldo Paviani (organizador). — Brasília :  
Editora Universidade de Brasília, 1996. *OK*.  
250 p.

1. Planejamento do espaço urbano. 2. Urbanismo. I. Paviani, Aldo  
(organizador).

CDU - 711.4(817.4)

## SUMÁRIO

Notas sobre os autores 7

Prefácio 11

*Brasilmar Ferreira Nunes*

Apresentação 17

*Aldo Paviani*

### HABITAÇÃO: HISTÓRIA, INSTITUIÇÕES E ESPAÇO URBANO

Habitação: novos enfoques e perspectivas 27

*Ricardo Stumpf e Zilda M. Santos*

Taguatinga: uma história candanga 53

*Nair Heloísa Bicalho de Sousa, Maria Salete Machado e Luciana de Barros Jaccoud*

Vila Planalto: um caso de resistência popular 81

*Sandra Beatriz Zarur*

Comercialização de habitações populares em Brasília 115

*Patrícia Colela Doyle*

Habitação e urbanização popular: os recursos do trabalhador?

A apropriação da “fonte de Manon” em Brasília 139

*Benny Schvasberg*

### GESTÃO URBANA, TRABALHO E EXCLUSÃO

A especulação imobiliária em Brasília e a hipótese do uso da contribuição de melhoria 169

*Paulo Castilho Lima*

**Brasília: novos rumos para a periferia 189**

*Ignez Costa Barbosa Ferreira e Nelba Azevedo Penna*

**A realidade da metrópole: mudança ou transformação na cidade? 213**

*Aldo Paviani*

**Habitação e emprego: uma política habitacional de interesse social 231**

*Luiz Alberto de Campos Gouvêa*

## NOTAS SOBRE OS AUTORES

ALDO PAVIANI, gaúcho, geógrafo, livre-docente (UFMG, 1977), professor titular, docente do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília desde 1969. Organizador das coletâneas *Brasília, ideologia e realidade* (1985), *Urbanização e metropolização* (1987), *Brasília, a metrópole em crise* (1989), *A conquista da cidade* (1991), *Cadernos do Ceam/Neur*. Ex-coordenador de pesquisas do Núcleo de Estudos Urbanos e Regionais (Neur), ex-diretor do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da UnB (Ceam-UnB). Consultor do PADCT/MCT, onde coordena o GT do Subprograma Ciamb (Ciências Ambientais). Diretor do Instituto de Ciências Humanas. Dedicar-se a pesquisas sobre o processo de urbanização em áreas metropolitanas.

BENNY SCHVASBERG, arquiteto, mestre em planejamento urbano (UFRJ, 1989) e doutor em sociologia urbana (UnB, 1993). Professor adjunto do Departamento de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB e pesquisador do Neur/Ceam. Dedicar-se ao estudo da habitação e urbanização popular. Desenvolve pesquisa sobre os impactos de alocação espacial dos equipamentos coletivos no processo de urbanização, como subsídio ao planejamento e ao desenho urbano.

IGNEZ COSTA BARBOSA FERREIRA, carioca, licenciada e bacharel em geografia (UFRJ, 1960), com especialização em geografia na Universidade de Paris-França (1962) — diploma de “Expert-Geographe”. Geógrafa do Conselho Nacional de Geografia — IBGE (1961-1967). Professora (Adjunto 4) aposentada da Universidade de Brasília. Atualmente é pesquisadora associada do Núcleo de Estudos Urbanos e Regionais (Neur/Ceam) da Universidade de Brasília. Tem desenvolvido pesquisas voltadas para problemáticas da urbanização e do planejamento urbano, com diversos trabalhos publicados sobre esses temas em periódicos e como capítulos de livros.

LUIZ ALBERTO DE CAMPOS GOUVÊA, mineiro, morador de Brasília há mais de vinte anos. Arquiteto especializado em planejamento

habitacional e mestre em planejamento urbano (UnB, 1988). Participou, entre 1980 e 1991, como arquiteto do GDF, na elaboração de vários projetos urbanos e de trabalhos de planejamento urbano. Ex-professor de urbanismo da PUC/Goiás e da Unesp/Rio Claro. Colaborou na coletânea *A conquista da cidade* com o artigo “A capital do controle e da segregação social” (1991). É professor na Universidade de Brasília, diretor do Sindicato dos Arquitetos do DF e assessor de várias associações de moradores de Brasília. Desenvolve pesquisa sobre a forma urbana e o meio ambiente para o doutoramento em estruturas ambientais urbanas da Universidade de São Paulo.

LUCIANA DE BARROS JACCOUD, carioca, socióloga (UnB, 1981), mestre em sociologia (UFPE, 1986). Atualmente, está cursando o Programa Doutorado em Políticas Sociais na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris. É autora de *Na lei ou na marra: movimentos sociais em crise política em Pernambuco 1955-1968* e co-autora do livro *A conquista da cidade: movimentos populares em Brasília*, no qual colaborou com o artigo “Lutas sociais: populismo e democracia — 1960/1964”.

MARIA SALETE MACHADO, gaúcha, socióloga graduada pela UFRGS (1972), mestre em sociologia (UnB, 1977) e doutora em sociologia (USP, 1989). É professora do Departamento de Sociologia da UnB, coordenadora da linha de pesquisa sociologia urbana, no curso de graduação e no programa de pós-graduação. Participante da Anpocs, no grupo Lutas Urbanas, com trabalhos a respeito do “Estado e movimentos sociais”, “A violência urbana”, “Violência e meninos de rua no DF”. Publicou, recentemente, “Leitura da cidade: Rubem Fonseca e a violência urbana”, na revista *Cerrados*, Brasília, Editerra Editorial.

NAIR HELOÍSA BICALHO DE SOUSA, paulista, bacharel em ciências sociais (USP, 1972), mestre em sociologia (UnB, 1978) e doutora em sociologia (USP, 1994). Participa, como pesquisadora, dos seguintes núcleos do Ceam-UnB: Núcleo de Estudos para a Paz e Direitos Humanos; Núcleo de Estudos Urbanos e Regionais e Núcleo de Estu-

dos do Brasil Contemporâneo. Está vinculada ao Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e tem colaborado como professora convidada no mestrado em administração da UnB. É autora de *Construtores de Brasília*, Vozes, 1983, e co-autora de, entre outros livros, *A conquista da cidade: movimentos populares em Brasília* (UnB, 1991) e *Introdução ao direito do trabalho* (1993).

NELBA AZEVEDO PENNA, gaúcha, bacharel em geografia (UFSM), mestre em planejamento urbano (FAU/UnB, 1991) com a dissertação *Política urbana: a ação do Estado no Distrito Federal*. Presentemente é professora do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília, doutoranda em geografia (USP) e pesquisadora do Núcleo de Estudos Urbanos e Regionais (Neur/Ceam-UnB), desenvolvendo pesquisas na linha de urbanização e planejamento urbano.

PATRÍCIA COLELA DOYLE, mineira, residente em Brasília desde 1958. Graduou-se em sociologia e ciências políticas pela UnB (1977). Mestre em planejamento urbano (FAU/UnB, 1991). Funcionária do governo do Distrito Federal, atualmente é assessora na Câmara Legislativa. Área de interesse: habitação popular, planejamento urbano, uso e ocupação da terra.

PAULO CASTILHO LIMA, carioca, arquiteto formado pela Universidade do Brasil/Rio de Janeiro (1962), mestre em planejamento urbano (UnB, 1991). Professor assistente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Coordenador do Núcleo de Estudos Urbanos e Regionais (Neur/Ceam-UnB).

RICARDO STUMPF ALVES DE SOUZA, nasceu no Rio de Janeiro, em 1951. Arquiteto (UFRGS, 1981), com especialização em desenho urbano (UnB, 1984). Desenvolveu projetos na área de habitação popular em Porto Alegre/RS, Lages/SC, Itabuna/BA e Ceilândia/DF. Livros publicados: *Repensando a arquitetura* (Thesaurus, 1985) e *Contra-correnteza* (Thesaurus, 1993). Professor da UnB em 1994, nas disciplinas funções complexas e problemas especiais — habitação popular.

SANDRA BEATRIZ BARBOSA DE CERQUEIRA ZARUR, bacharel em ciências sociais (UnB, 1978), mestre em planejamento urbano (UnB, 1991), SPURS Fellow do MIT 1991/92, mestre em planejamento regional e políticas públicas (MIT, 1993). Foi diretora da Divisão de Pesquisa do Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico do DF. Pesquisadora do Neur/Ceam-UnB e chefe do Núcleo de Informações Sociais do Instituto de Planejamento Territorial e Urbano (IP/DF). Defendeu as dissertações: *A sobrevivência da Vila Planalto: de acampamento pioneiro a bairro histórico de Brasília* e *From bad to good government: the case of three local governments in Ceará, Brazil*. Áreas de interesse: movimentos sociais, desenvolvimento de comunidades, planejamento participativo, desenvolvimento regional, administração municipal e políticas públicas.

ZILDA MARIA DOS SANTOS, carioca, arquiteta (UFRJ, 1964), com mestrado na Coppe (UFRJ, 1986). Participa de projetos de habitação popular desde 1964 (Brás de Pina-RJ). Em Curitiba, desenvolveu os planos diretores de Maringá e Paranaguá, trabalhando ainda na Cohab-CT. Na Cohab-Volta Redonda desenvolveu conjuntos habitacionais em Três Rios, Resende, Volta Redonda e Cachoeira Paulista. Em 1973, no BNH, participou da montagem dos projetos Cura e Promorar/Rio. Professora de projeto na Fundação Rosemar Pimentel, Barra do Pirai, Santa Úrsula e UFF. Atualmente, ministra a disciplina problemas especiais — habitação popular na FAU/UnB.

## PREFÁCIO

*Brasilmar Ferreira Nunes*<sup>1</sup>

Os estudos acadêmicos sobre os processos de urbanização que ocorrem na América Latina vêm se desenvolvendo entre nós, particularmente nos últimos trinta anos. Neste período, saiu-se das análises iniciais, caracterizadas por um certo formalismo no tratamento da questão urbana, para, pouco a pouco, se complexificar as temáticas de análise. Hoje, entre nós, os estudos urbanos contam com um corpo de pesquisadores, uma temática ampla e diversificada e, talvez o mais importante, um corpo teórico que vem se mostrando extremamente dinâmico, acompanhando os caminhos que a urbanização percorre no espaço global e nacional. Esse processo termina por dar à problemática urbana um caráter de “campo científico”, como o define Bourdieu.<sup>2</sup>

Brasília, nesse contexto, destaca-se como um processo ímpar: a capital federal constitui-se em “uma das cidades-laboratório do mundo no que se refere à experiência com o planejamento urbano”.<sup>3</sup> De um lado reproduz os esquemas característicos da chamada urbanização periférica, quais sejam: segregação espacial, má qualidade dos serviços coletivos na sua periferia, dificuldades de acesso às vantagens da urbanização, problemas sociopsicológicos decorrentes das dificuldades de adaptação dos migrantes a um novo espaço, diferente daquele de origem, etc. De outro, um núcleo central (Plano Piloto) que se caracteriza por uma abundância de infra-estrutura, que o transforma em um dos núcleos urbanos que oferece uma excelente qualidade de vida aos seus moradores, talvez único no país.

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília.

<sup>2</sup> Pierre Bourdieu: “O campo científico”, em Renato Ortiz (org.), *Grandes cientistas sociais*, São Paulo, Ática, 1985.

<sup>3</sup> A esse respeito, veja a Apresentação deste trabalho, escrita pelo professor Aldo Paviani.

Ao lado dessa dicotomia que o meio físico, particularmente o espaço construído, se encarrega de explicitar aos mais desavisados, uma estrutura social de dupla natureza vai, pouco a pouco, se consolidando. Brasília, apesar de ter sido pensada, construída e inaugurada dentro de um regime democrático, incorpora-se, por força das circunstâncias, às características de um espaço totalitário. Além da segregação dos trabalhadores que para aqui vieram para edificar a cidade — assunto já tratado em inúmeros estudos acadêmicos —, a lei do valor impregna as relações mercantis nesse espaço, numa rapidez inimaginada pelos idealizadores da nova capital, como aparece na proposta original. Ao lado dessa tendência, aparentemente irreversível numa sociedade de mercado, há que se destacar que esse espaço urbano se consolida durante o regime militar, quando então a estrutura de poder, altamente concentrada em um núcleo do Estado, se encarrega de reproduzir as relações entre este e a sociedade. Esse Estado burocrático-autoritário dentro do qual Brasília se consolida é distinto do Estado autoritário tradicional e do Estado populista. Sua função primordial é a de “impor uma drástica reorganização da sociedade através de uma ordem que produzisse um importante grau de previsibilidade e estabilidade nas relações sociais”.<sup>4</sup> Ao contrário do “Estado autoritário tradicional” que domina uma população politicamente inerte e do “Estado populista”, que ativa, embora controladamente, o setor popular, o Estado burocrático-autoritário é um sistema de exclusão política e econômica do setor popular. Sua característica principal é que ele emerge depois de se ter produzido uma extensa industrialização e, também, depois (em grande medida, como consequência) de uma ampla e crescente ativação política do setor popular.<sup>5</sup>

Essas digressões sobre a natureza dos regimes políticos, particularmente do “burocrático-autoritário”, nos são úteis no sentido em que colocam as bases de explicação de outra característica do espaço social de Brasília. O Plano Piloto e, em menor escala, alguns espaços das satélites — especialmente algumas áreas de Taguatinga, Gama e Gua-

---

<sup>4</sup> Guillermo O'Donnell, “Sobre o corporativismo e a questão do Estado”, *Cadernos de Ciência Política*, Belo Horizonte, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, mar. 1976, p. 11.

<sup>5</sup> Guillermo O'Donnell, *op. cit.*, p. 17.

rá — é onde o funcionalismo público habita. Particularmente o Plano Piloto é, historicamente, o espaço por excelência dos escalões médios e superiores da burocracia. A sua transformação em área nobre do mercado imobiliário do Distrito Federal vai se dando paulatinamente, com a expulsão dos quadros médios do funcionalismo para as satélites mais próximas.

Essa dinâmica termina por dar um caráter de originalidade às relações sociais que se consolidam em Brasília. Particularmente no que se refere às relações de trabalho, estabelecem-se mecanismos originais de relacionamento entre o núcleo do poder e seus quadros técnicos. Não apenas a alta burocracia, mas também todos os níveis do funcionalismo público passam a funcionar segundo princípios básicos calcados em algumas características: hierarquia, competência e medo. Essa lógica termina por consolidar uma casta de funcionários com altos poderes junto à cúpula decisória do Estado. Caracterizados por uma competência técnica e por uma relação submissa aos níveis hierárquicos superiores, essa casta vai, pouco a pouco, estruturando uma rede de poder específica. Predominam as relações pessoais, banalizadas pelo chamado “tráfico de influências”.

Não iremos entrar no mérito desse fenômeno típico do autoritarismo, mas o seu impacto sobre o espaço urbano de Brasília é enorme. Condiciona, por um lado, os grupos sociais que teriam o privilégio de habitar no Plano Piloto, e, por outro, expulsa desse espaço aqueles que não tinham condições — tanto profissionais quanto no nível do relacionamento pessoal — para garantir aí sua moradia. O fenômeno dos apartamentos funcionais talvez seja o exemplo mais ilustrativo dessa situação. Trata-se de uma importante faixa da oferta de imóveis no Plano Piloto que não entra no mercado formal de troca, mas que termina por ser um sinal de poder, de *status*, talvez mais valorizado que o próprio dinheiro. Nessa dupla lógica de constituição das relações sociais, Brasília reflete em seu espaço a sensação de uma “ilha da fantasia”, ao lado da face mais cruel da urbanização que segrega os menos influentes. A visualização e a compreensão da lógica desse lado cruel da urbanização do Distrito Federal vêm sendo explicitadas, sobretudo, nos trabalhos acadêmicos, sem tanto impacto sobre a imagem que se construiu da cidade. Somente com a democratização do Estado, com o

fim do regime de força até então instaurado, é que esse quadro começa a se alterar, quando então a especulação imobiliária ocupa o lugar de destaque na produção do espaço construído da cidade (tanto no Plano Piloto quanto em algumas das satélites). Desnecessário insistir no fato de que a racionalidade capitalista passa a comandar o processo de produção desse espaço, dentro da lógica da segregação, cada vez mais selvagem, nos moldes já tradicionais entre nós.

Cidade terciária, com um elevado poder de atração de migrantes, ela entra num processo específico no que se refere à sua dinâmica populacional. O fato mais marcante poderia ser destacado pela política de distribuição de terrenos, caracterizada por um alto teor de clientelismo do governo local. Conforme pode ser visto em textos do presente trabalho, verdadeiras cidades aparecem na paisagem urbana, do dia para a noite. Compõe essa população uma enorme massa de migrantes que aqui se instalam em condições precárias, procurando se beneficiar da promessa de acesso à terra, aos equipamentos de saúde e aos de educação, além da longínqua possibilidade de acesso a um emprego no setor público. Tudo isso se dá sem uma estrutura produtiva privada condizente com o ritmo do crescimento populacional. O resultado é uma taxa de desemprego que, em termos relativos, é uma das maiores do país.

Ao lado do poder de atração das populações carentes, observa-se também uma forte atração de indivíduos ligados ao terciário e quaternário modernos. Se bem que em número pequeno em face do processo anterior, seus efeitos sobre a cidade e seu espaço são visíveis: além do setor público que cada vez mais se moderniza pela via da informatização, ocorre também o crescimento de empresas comerciais, de consultoria, de prestação de serviços, bancos e representações de empresas de outros estados, entre outros.

A “dualidade” na estrutura de emprego situa-se, portanto, na base da dualidade espacial. A questão merece alguns detalhamentos. Assim é que, até recentemente, as administrações das grandes cidades do mundo mantinham permanentemente um discurso catastrófico, decorrente do crescimento populacional desenfreado, em especial nas metrópoles, talvez em função das teses em voga nos anos 1960, que alertavam para a explosão demográfica no mundo, com ênfase para a

chamada “explosão urbana”. A maioria dos intelectuais do chamado Terceiro Mundo terminou por embarcar nessas teses. As políticas urbanas insistiam direta ou indiretamente na necessidade premente de se criarem pólos alternativos de atração de migrantes, com o intuito de aliviar a pressão sobre a oferta de serviços coletivos, principalmente pelo Estado. Essas teses encontravam respaldo sobretudo quando a industrialização estava centrada na produção de mercadorias e onde as cidades se desenvolviam no ritmo da implantação das fábricas.

Entretanto, mais recentemente se começa a observar uma mudança no discurso em voga sobre a questão. As análises parecem indicar que na era da informática e dos serviços a prosperidade urbana está diretamente articulada à importância da população. Estudos recentes mostram que, para o mundo desenvolvido, se estima que abaixo de trezentos mil habitantes uma cidade tem dificuldade em se desenvolver. Os pequenos centros, e mesmo alguns dos médios, estão em vias de perder seu papel de núcleos de desenvolvimento regional, sobretudo pela aceleração dos meios de transporte e pelo crescimento da mobilidade das pessoas. Ao mesmo tempo, as tradicionais cidades industriais começam a enfrentar as ameaças da desindustrialização e, portanto, a definição de uma política de desenvolvimento urbano calçada na industrialização é algo dificilmente justificável neste fim de século.

Se isso é verdade para as sociedades desenvolvidas, lança-se a hipótese de que o fenômeno deverá ocorrer naquelas ainda em fase de desenvolvimento. O fator por excelência no desenvolvimento e crescimento urbano dependerá, em especial, da capacidade que teriam as cidades de atrair as chamadas “empresas-mães”, dotadas de um departamento de pesquisa e desenvolvimento. A existência de um ensino generalizado, de universidades e centros de pesquisa, onde se privilegie a transmissão de conhecimentos oportunos à dinâmica econômica característica deste fim de século, aparece como condição *sine qua non* na definição de estratégias de desenvolvimento urbano. Além do mais, um meio ambiente saudável, onde não apenas o verde, mas as condições gerais de vida sejam asseguradas, contribui cada vez mais para aquela estratégia acima. Se levarmos em conta que essa tendência deverá ocorrer na sociedade brasileira, Brasília pode ser considerada

como um espaço privilegiado. Basta apenas verificar que o crescimento populacional, nas suas duas vertentes, é um fator positivo a médio prazo. Evidente que essa posição vai depender das políticas públicas do governo do Distrito Federal, principalmente as chamadas políticas sociais. Educação socializada talvez seja o mote principal dessas ações.

A seguir são apresentadas as sínteses dos artigos que compõem o presente trabalho. Recomendo a sua leitura prévia para situar os conteúdos aqui presentes.



**Gráfica e Editora Brasil Ltda.**

SIG - Q.08 - Nº 2378 - Fone: 344-1614  
Fax: 344-1613 - Brasília-DF

## **COLEÇÃO BRASÍLIA**

Organizada por  
Aldo Paviani

*Urbanização e  
metropolização: a gestão dos  
conflitos em Brasília  
(1987)*

*Brasília: a metrópole em crise  
(1989)*

*A conquista da cidade  
(1991)*

### **Outros lançamentos da Editora UnB:**

*A apreensão da forma da cidade*  
Maria Elaine Kohlsdorf

*Registro de uma vivência*  
Lucio Costa

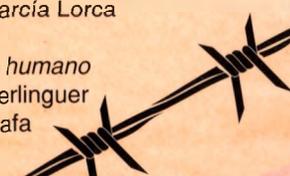
*A minoria próspera  
e a multidão inquieta*  
Noam Chomsky

*Amigos traiçoeiros*  
Thiago de Mello  
e Sérgio Bath

*O espaço da dor*  
Regina Dalcastagnè

*Obra poética completa  
(4ª edição)*  
Federico García Lorca

*O mercado humano*  
Giovanni Berlinguer  
Volnei Garrafa



# BRASÍLIA: MORADIA E EXCLUSÃO

Nesta coletânea colaboram arquitetos, geógrafos, sociólogos, um engenheiro e um antropólogo, que apresentam uma visão abrangente do problema da moradia. Ao mesmo tempo em que fazem críticas à falta de uma política habitacional, levantam possibilidades de solução e propõem instrumentos de ação para a mudança dessa realidade, entre eles o uso mais democrático dos recursos públicos (como a terra) e a distribuição dos bens de uso e de consumo coletivo de forma equitativa e socializada.

Esta obra, que constitui material de referência para professores, estudantes e pesquisadores, é também recomendada para políticos, administradores e membros de equipes de planejamento urbano, bem como para empresários desejosos de entender as especificidades da urbanização em Brasília.

O livro está dividido em duas grandes áreas temáticas: a primeira trata de habitação, história, instituições e espaço urbano, da comercialização de habitações populares, o uso do FGTS como recurso para a habitação popular e sua apropriação pelas grandes incorporadoras, além de estudos de caso sobre Taguatinga e Vila Planalto; a segunda área temática trata da gestão urbana, de trabalho e de exclusão, com artigos versando sobre a especulação imobiliária no DF, sobre a urbanização com periferização e sobre o crescimento metropolitano para além dos limites do DF. São discutidos ainda habitação e emprego, enfocando a política habitacional de interesse social.

ISBN: 85-230-0420-3  
COD. EDU: 17965

